

Coluna do Castello

Eleição continua fora dos partidos

O PMDB, ao invés de ficar caladinho como o PFL, está se reunindo agitado como se fosse agora resolver a eleição. Sua Executiva esquerdista promete até fazer o que não foi feito antes para assegurar fidelidade a Ulysses Guimarães, ou seja, expulsar quem se manifestar a favor de Fernando Collor. Há o pressentimento da esquerda partidária de que parte importante do eleitorado que supostamente poderia ser identificado como pemedebista, embora tivesse abandonado, como as demais parcelas, o candidato do partido, continuará votando em Collor, engrossado por tantos que votaram em Covas e que não foram ideologicamente ferrados. O que vai se passar em matéria de PMDB é simples: Arraes, Waldir Pires, Jarbas Vasconcelos, Chico Pinto e Almino Afonso seguem todos atrás do eleitorado que a eles se antecipou votando em Lula ou Brizola. E o resto fica com Collor.



JORNAL DO BRASIL

O partido poderia poupar-se da encenação de reuniões e deliberações de executivas e diretórios e deixar que a campanha eleitoral prossiga no seu fluxo com o qual nada teve a ver até aqui e dificilmente terá a ver nas três semanas que já nos separam da nova data eleitoral. A votação das suas lideranças remanescentes é conhecida e é incontornável. Em Pernambuco a união da esquerda com Lula ou com Brizola é inevitável e o governador que com ela se identifica estará mais desinibido para conversar com o candidato sobre reforma agrária, espoliação internacional, etc. A liderança de Arraes sofre na sua faixa pouca contestação.

Já Waldir Pires não terá como levar para Lula, por exemplo, o governador Nilo Coelho, os senadores Luiz Viana Filho e Jutahy Magalhães e o ex-governador Roberto Santos. O PSDB baiano, como se sabe, é uma espécie de linha auxiliar de Pires e o ajudará a reforçar a posição do candidato à esquerda. Há quem lembre que o ex-governador tem em comum com Collor o sentimento anti-sarneyista, mas a separá-los irremediavelmente há Antônio Carlos Magalhães. No Rio de Janeiro, o governador Moreira Franco sabe que não levará ninguém a qualquer lugar. No Rio Grande do Sul, o governador Pedro Simon tenta apenas sobreviver ao mar de votos brizolistas que o vai sufocando. Alvaro Dias, no Paraná, provavelmente irá se encontrar com o senador José Richa no apoio a Collor.

Quanto aos ministros de Sarney e aos moderados de um modo geral, não têm alternativa se o concorrente for Lula. Alguns deles poderiam ir para Brizola. Para Lula, não: Iris Rezende, Jader Barbalho, Carlos Sant'Anna, José Aparecido, Robertão, já estão com a porta aberta para votar de acordo com seus próprios motivos: Collor não endossou a advertência de Calheiros de que não haveria alianças com ministros de Sarney. Ele diz que ainda não sabe, e sua postura tende a ser menos agressiva numa hora em que não é normal fazer como fez a executiva do PMDB: fechar seu palanque ao apoio de políticos ainda com algum peso eleitoral e que nada lhe pedem.

A posição de Fernando Collor deve provavelmente sofrer algumas correções, em função de estratégias e táticas de campanha às quais tem se mantido rigorosamente fiel. Quando o candidato, por exemplo, retomou a agressão ao presidente Sarney uma oitava acima do costumeiro, não o fez para atender a outra conveniência que não fosse a da sua campanha. Ele e seus assessores atribuíram a Sarney a manobra da candidatura Silvio Santos e reagiram na medida do volume dessa agressão. Não se sabe se a tática foi correta e se a nova ascensão de Collor se deveu aos ataques ao presidente. Ele já havia se estabilizado nas pesquisas e seu crescimento ocorreria com a simples eliminação de Silvio Santos. Já agora nada impede que ele mantenha a promessa de investigar o governo de Sarney. Jânio também o fez com Juscelino e cumpriu a ameaça com a abertura de mais de uma centena de comissões de sindicância que praticamente deram em nada. O que importa agora é manter o perfil de um jovem político que, ao ardor no combate, alia prudência e compostura que devem ser inseparáveis do perfil de um presidente.

Em matéria de campanha, Collor e seus amigos têm se revelado competentes e continuarão a fazer certamente o que têm feito com êxito até aqui; de pouco valendo palpitantes e comentários de quem quer que seja. O êxito basta para dar à equipe a auto-suficiência indispensável para a parte final e decisiva da guerra que decidiram levar a termo. Mas parece correto observar que, se a polarização no segundo turno leva a uma radicalização, a conveniência dos candidatos e do país provavelmente estará em que concorrentes tentem reduzir as proporções do conflito, tornando assimilável pelas instituições o desfecho eleitoral ditado pelo povo.

Carlos Castello Branco